

A LEITURA DOS CLÁSSICOS PARA A EMANCIPAÇÃO DA CRIANÇA SUBALTERNIZADA: MEMÓRIAS EM UMA BIBLIOTECA PÚBLICA DO SEMIÁRIDO BAIANO

David Lucas Oliveira da Silva ¹
Bruno Jadson Jardelino Gomes ²
Virna Ferreira de Mesquita ³
Viviane Brás dos Santos ⁴

RESUMO

A leitura apresenta para as crianças novas formas de existir no mundo, que sobrepe seus padrões socioculturais aos quais estão inseridas. Dito isso, o acesso a obras clássicas, isto é, os conhecimentos que resistiram ao tempo (SAVIANI, 2013), ofertado para as infâncias subalternizadas pelas opressões do sistema capitalista podem promover a sua emancipação. Em face do exposto, este trabalho possui o objetivo de refletir a importância da leitura dos clássicos para emancipação das infâncias subalternizadas. Para tanto, o presente texto parte da metodologia de pesquisa qualitativa (CHIZZOTTI, 2003) que busca compreender os fenômenos educacionais a partir das instâncias subjetivas. Além disso, instrumentalizou-se das narrativas autobiográficas, isto é, o método que apresentam meios para a sistematização científica das vivências individuais (SOUZA, 2007). Inicialmente, apresentou-se cronologicamente os diversos conceitos de infância ao longo do processo histórico (ARIÈS, 1981), este que na contemporaneidade varia diante da classe social em que a criança está inserida. Diante disso, os filhos/as da classe subalternizada são privados/as do acesso aos conhecimentos produzidos pela humanidade através dos séculos, que na perspectiva de Saviani (2013) estão cristalizados nas obras clássicas. Em razão da realidade socioeconômica dessas crianças o acesso a esses conteúdos em suas moradias é escasso. Nesse sentido, Arroyo (2013) aponta que muitas vezes estes indivíduos têm seus direitos negados, por serem vistos como quase humanos por estarem em formação. Sendo assim, os acervos das bibliotecas públicas são cruciais para que estes sujeitos aprendentes sigam sua vocação ontológica pelo Ser Mais (FREIRE, 1975). Consoante a isso, discorreu-se sobre a importância da extinta Biblioteca Municipal Carlos Drummond de Andrade para a formação intelectual das crianças da cidade de Saúde, situada no semiárido baiano. Portanto, a leitura das obras clássicas na infância, sobretudo, pelos filhos/as da classe trabalhadora é condição *sine qua non* para sua emancipação humana.

Palavras-chave: Infância; Leitura; Pedagogia Histórico-Crítica.

Primeiras palavras

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus VII Senhor do Bonfim, E-mail: davidlucas6941@gmail.com;

² Graduando do Curso de Licenciatura plena em História da Universidade Federal do Ceará – UFC, e-mail: brunojadson.14@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Licenciatura plena em História da Universidade Federal do Ceará - UFC, e-mail: virnaferreira07@gmail.com;

⁴ Professora na Universidade do Estado da Bahia - UNEB/Campus VII Senhor do Bonfim. Doutoranda em Educação - PPGED/UFS. Mestra em Educação, Cultura e Território Semiárido - PPGESA, UNEB. E-mail: vivianebras.pedagogia@gmail.com.

As representações do conceito de criança varim conforme a classe social, localização geográfica e período histórico. Em face disso, Arroyo (2013) problematiza a visão do senso comum que apresenta as crianças enquanto anjos, mensageiros da esperança ao passo que critica estas análises que incorporou-se às práticas pedagógicas escolares. Deste modo, o anseio por um futuro melhor é posto apenas na infância, retirando a responsabilidade da geração atual por desempenhar as mudanças.

A desigualdade econômica vigente na sociedade capitalista impacta bruscamente as infâncias que foram subalternizadas por este sistema de opressão. Entre os direitos que são negados aos/as filhos/as da classe trabalhadora destaca-se aqui o acesso a cultura universal, pois este patrimônio foi monopolizado pela aristocracia. Nessa conjuntura, Saviani (2013) aponta que esses bens historicamente acumulados pela humanidade através dos séculos está cristalizado nas obras clássicas da literatura. Partindo dessa premissa surge a seguinte problemática: Qual o papel da leitura na construção da personalidade da criança?

Consoante a isso, antes do processo de letramento a criança está sujeita a repetir os padrões de comportamento presente no “inconsciente coletivo” (FROMM, 1962) que rege o grupo social ao qual é permitido sua convivência por aqueles que exercem poder sobre ela. Sendo assim, o domínio e compreensão da codificação escrita possibilita este indivíduo uma liberdade para conhecer novas formas de sentir, pensar e amar-se diante as ações de personagens que ele passa a ter acesso através da leitura. Nesse sentido, este trabalho possui o objetivo de analisar a importância da leitura como uma das vertentes construtoras da personalidade da criança. Para tanto, recorreu-se a pesquisa qualitativa e as narrativas autobiográficas.

Para as crianças advindas dos grupos sociais subalternizados, muitas das vezes possuem as bibliotecas públicas como único meio de acesso a obras literárias. No entanto, durante intervalo de tempo vigente entre a construção e a publicação desse artigo o a Biblioteca Municipal Carlos Drumond de Andrade – que é o *locus* das narrativas tecidas ao longo desse texto – teve seu prédio desapropriado e todo seu acervo foi mudado diversas vezes de espaço pela atual gestão do município de Saúde, Bahia. Durante esse processo boa parte dos livros se perdeu ou foi danificada. Assim, as crianças subalternizadas dessa cidade tiveram eu direito à cultura cada vez mais negado.

Percursos Metodológicos



Este trabalho em tela utiliza como abordagem metodológica a pesquisa qualitativa que preconiza a compreender os fatos além dos números. Deste modo, busca compreender os fenômenos a partir dos sentimentos, percepções, significados e subjetividades. Nesse contexto, Chizzotti (2003, p. 28-29) aponta que este paradigma de pesquisa:

O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem os objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível. [...] Diferentes tradições de pesquisa invocam o título qualitativo, partilhando o pressuposto básico de que a investigação dos fenômenos humanos, sempre saturados de razão, liberdade e vontade, estão possuídos de características específicas: criam e atribuem significados às coisas e às pessoas nas interações sociais e estas podem ser descritas e analisadas.

Além disso, este ensaio é fundamentado no tipo de pesquisa autobiográfico, este que se instrumentaliza das memórias para tecer uma análise sobre determinada experiência vivenciada pelo autor. Apesar de a narrativa ter ocorrido de maneira individual na vida dos personagens contidos nesse relato, estes sujeitos são seres sociais e por isto suas ações são perpassadas pela cultura que ele está inserido. Desta forma, a memória autobiográfica não é um fato isolado, e sim um fenômeno social. Nesse sentido, Souza (2007, p. 63) diz que:

Quando invocamos a memória, sabemos que ela é algo que não se fixa apenas no campo subjetivo, já que toda vivência, ainda que singular e auto-referente, situa-se também num contexto histórico e cultural. A memória é uma experiência histórica indissociável das experiências peculiares de cada indivíduo e de cada cultura. [...] A lembrança remete o sujeito a observar-se numa dimensão genealógica, como um processo de recuperação do eu, e, a memória narrativa, como virada significante, marca um olhar sobre si em diferentes tempos e espaços, os quais se articulam com as lembranças e as possibilidades de narrar experiências.

Nessa perspectiva, é possível afirmar que através da análise de uma vivência pessoal é possível compreender fatos que se sobrepõem da visão unitária, pois os acontecimentos da experiência subjetiva manifestam a realidade social a qual este indivíduo está contido. O sujeito dessa pesquisa é David Lucas Oliveira da Silva, estudante do terceiro semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) *Campus VII*. Neste sentido, as experiências narradas pela fonte oral dessa pesquisa sobre a influência da leitura na construção de sua personalidade podem ocorrer com outros sujeitos.

A evolução do conceito de criança:



O conceito de criança, entretanto, nem sempre foi definido da forma que conhecemos hoje. A compreensão sobre o papel da criança se modificou durante todo o processo civilizatório (RIBEIRO, 1972), ou seja, acompanhou todas as transformações históricas e sociais da humanidade ao longo dos séculos, como bem retrata Santos (2019, p. 15):

[...] criança era tipificada como adulto em miniatura. Com isto, ele quis significar que a infância não fazia sentido para os adultos como hoje faz para nós. Não havia o sentimento de que a criança é um ser humano distinto do adulto, por estar em processo de desenvolvimento. Na verdade, nem mesmo se atribuía à criança algo similar à personalidade do ser humano ou com ela se desenvolvia muito apego, pois o índice de mortalidade infantil era muito elevado. Então, geralmente a criança morria cedo ou sua infância passava rapidamente. Tanto em um caso como no outro, logo a criança era esquecida. Essa indiferença autorizava a criança a transitar livremente pelo mundo adulto, tornando-a, amiúde, objeto de abusos, exploração e crueldade.

Diante disso, é explícito que não se tratava puramente de uma indiferença em relação à criança, uma das vertentes que geraram este pensamento é fruto desse baixo índice de expectativa de vida, que fazia necessário à iniciação no mercado de trabalho, sexual e matrimonial de forma que é vista sob a ótica contemporânea como prematura. Outro aspecto que apresenta a evolução da visão da humanidade com relação a criança está presente na obra de Heywood (2004, p.87) ao narrar o tratamento que era dado aos bebês no período da baixa Idade Média, precisamente no século XII.

[...] Indiferença com relação à infância nos períodos medieval e moderno resultou em uma postura insensível com relação à criação de filhos. Os bebês abaixo de 2 anos, em particular, sofriam de descaso assustador, com os pais considerando pouco aconselhável investir muito tempo ou esforço em um “pobre animal suspirante”, que tinha tantas probabilidades de morrer com pouca idade.

Este fragmento evidencia que não existia afago nem mesmo com as crianças no segundo ano de vida, pois o índice de mortalidade infantil era tão grande que os pais não dedicavam sua energia nem para suprir as necessidades básicas de seu filho. Torna-se necessário dizer que somente com o advento de ciências como a Pedagogia, a Psicologia e a Pediatria que passaram a formular uma imagem de criança como um estágio da vida em que o ser humano que estava em processo constante de desenvolvimento, e por este motivo esta fase era envolvida majoritariamente de fragilidade. Foi a partir desse processo de conceituação que a criança passou a ser tratada sobre a ótica contemporânea.

Levando-se em consideração esses aspectos é possível dizer que a evolução do conceito de criança se deu em união ao processo histórico da humanidade. Partindo da visão medieval



analisada por Ariès (1981) a criança era considerada um homem pequeno, até chegar nos dias atuais que salienta a criança como um ser em formação psíquica e social; por fim, esta compreensão a respeito do papel social da criança é alterada até mesmo de uma cultura para outra.

A totalidade do conceito de criança no Brasil baseia-se sobretudo no estatuto da criança e do adolescente. Não obstante, encontra-se nitidamente nas primeiras laudas do estatuto que “considera-se criança [...] a pessoa até doze anos de idade incompletos” (BRASIL, 2005), no artigo seguinte é definido implicitamente o motivo pelo qual é mister que a criança seja tratada de forma distinta das demais faixas etárias, onde Brasil (1990) afirma que a criança está em um processo de “desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social” (art. 3^a). Partindo dessa premissa, é possível evidenciar que a criança deve ter o tratamento que possibilite a construção de sua personalidade.

A Importância da leitura

Considerando que a interpretação que a criança faz diante da leitura cria nela novos valores, crenças e significações ao ponto de mudar seu comportamento diante de seu meio social é notório afirmar que se o ato de ler for realizado com intensidade ele pode ser uma das unidades constituintes da personalidade deste sujeito. Ato este que é nítido a partir da análise das memórias autobiográficas de um dos autores desse texto, visto que as leituras feitas em minha infância conduziram a experiências que embasaram meus sistemas emocionais e deste modo estruturaram minha personalidade.

Experiências estas, que podem ser realizadas pela criança não só apenas em suas relações interpessoais, mas também pela prática da leitura esta que segundo Brasil (2017, p. 42) “desde cedo, a criança manifesta curiosidade com relação à cultura escrita: ao ouvir e acompanhar”. Leitura esta que apresenta criança novas formas de agir diante do mundo e amplia a imaginação da criança.

Em primeiro lugar, devemos considerar que a análise referente a leitura neste artigo em tela não se trata da importância da aprendizagem da decodificação escrita propriamente dita, e sim as experiências proporcionadas à criança a partir da leitura. Como bem retratou Kramer (2000, 20) em sua obra a Leitura e escrita como experiência – seu papel na formação de sujeitos sociais, onde salienta que ato de ler “trata-se aqui da dimensão formadora da leitura [...] para além do seu caráter instrumental”, e ainda afirma que a leitura na primeira infância acaba “contribuindo para a formação dos sujeitos”.



De fato, a leitura traz ao universo da criança novas formas de existir no mundo, a partir do momento que este indivíduo em formação se utiliza dos personagens presentes nas narrativas lidas por ele como ícones a serem copiados. Além disso a leitura carrega em si outros benefícios a este ser em desenvolvimento segundo (BRITO, 2010, p. 11):

São várias as qualidades despertadas pelo hábito da leitura nas crianças, como por exemplo, a criatividade à medida que lhe proporciona oportunidades de conhecer alternativas para questões reais e cotidianas. A visão de mundo, o conhecimento de culturas, situações, pessoas e ideias diferentes, tais conceitos nos auxiliariam, por exemplo, no combate ao preconceito, abrindo assim a mente para o diferente. O vocabulário de uma pessoa que tem o hábito de ler é amplo, pois a aptidão para ler com proficiência é o mais significativo indicador de bom desempenho linguístico, permitindo ao leitor ter uma quantidade de informações sobre quase todos os domínios do conhecimento, sabendo hierarquizá-las, estabelecendo as devidas correlações entre elas e discernindo as que se implicam das que se excluem, utilizando-as apropriadamente como recursos argumentativos para sustentar suas ideias.

Ademais, a leitura possibilita uma nova forma de liberdade à criança, pois ela deixa de seguir apenas o que é condicionado socialmente, ou seja, o que as pessoas que estabelecem poder sobre ela permitem que lhe seja sabido. A partir do desenvolvimento da faculdade imaginativa da criança e das novas informações apresentadas pela a ela leitura, onde o ser infante passa a reagir diante do seu meio social de forma única, pois deixou de seguir os padrões premeditados que norteiam o “inconsciente coletivo” (FROMM, 1962), ou seja, os atos que estão enraizados de tal forma em seu grupo de convivência que é repetido de forma inconsciente por seus membros. Na perspectiva de Moraes et al (2015, p. 119 e 120) o ato de ler leva criança a conhecer novas culturas, como é bem retratado no artigo, a importância da leitura no desenvolvimento sociocognitivo da criança onde os autores realçam que:

A leitura é uma atividade complexa necessária para ter acesso a saberes que fazem parte de uma cultura. É através dela que construímos e ampliamos o conhecimento do mundo que nos rodeia [...] A aprendizagem da leitura possibilita à criança a utilização de alguns códigos dos adultos, de modo a entender este mundo maravilhoso das letras [...] é um processo interativo que considera o papel ativo do aluno em buscar refletir sobre o significado das ideias e do pensamento.

De fato, a leitura na infância possui caráter formador na edificação do indivíduo, pois da a liberdade da criança reagir aos acontecimentos de forma única em relação a seu grupo social, em virtude de os livros gerarem nela novas formas de pensar, agir e sentir perante a seu meio social. Nesse processo a criança também amplia seu vocabulário, da novos sentidos aos objetos e ampliam sua capacidade imaginativa.



A Importância da leitura para o desenvolvimento da personalidade da criança:

A partir de minhas narrativas autobiográficas vejo que em meio ao luto pela morte do meu avô e meu pai, originou-se, meu encantamento pelos livros, no momento que encontrei o romance *Romeu e Julieta* de William Shakespeare na biblioteca de minha rua. As entrelinhas dessa obra clássica me restituíram à esperança. Em meio a esse caos, origina-se, meu encantamento pelos livros, no momento em que andava pela Biblioteca Municipal Carlos Drummond de Andrade – situada na cidade de Saúde, ao lado da casa de minha avó paterna - precisamente na seção de livros que eram indicados somente para adultos, me deparei com um livro chamada *Romeu e Julieta* de Willians Shakespeare (1998).

Nesse sentido, este livro de Shakespeare (1998) é categorizado por Saviani (2013) como uma obra clássica da literatura universal. A partir disso, é possível afirmar que esta obra fez parte da construção da personalidade desse sujeito, esta que pode ser compreendida a partir da união do sistema de comportamento praticado por cada pessoa humana, além disso é notório afirmar que a personalidade se origina a partir das experiências vivenciadas na sua infância.

Essas potencialidades em sua maioria são adquiridas através de vivências na realidade material ou em uma configuração abstrata através do teor imaginativo produzido, sobretudo, no ato de ler. Além disso é notório dizer que a personalidade do sujeito é edificada principalmente na infância, como nos foi ensinado por Freud (1980) em suas obras.

Há outro aspecto sobre o termo personalidade é a capacidade de unificar parâmetros distintos que constituem o ser humano. Conclui-se que a personalidade é a união de padrões de comportamentos de um sujeito que faz com que ele possua características próprias. De fato, os personagens presentes nas narrativas lidas na minha infância, criaram vida no meu universo subjetivo e passaram a nortear minhas ações, de tal modo que eram idealizados por minha cabeça de criança como modelos a serem copiados, e deste modo geraram minha personalidade.

Hoje compreendo, que este ideal romântico vivido entre os personagens desta obra clássica, conduziram-me a vivência desta grande paixão, por uma das meninas da minha classe. Nos enamoramos durante alguns meses, mas isso não fora o bastante para provar a minha cabeça de criança que se tratava de um amor verdadeiro. A interpretação que fiz na época das últimas páginas do livro Shakespeare, foi que Romeu morreu por não suportar a magnitude do amor que sentia por Julieta.

Considerações finais



É salutar afirmar que a leitura gera significações simbólicas que sobrepõem os padrões culturais, pelo fato de apresentar mundos, costumes, condutas e crenças a priori desconhecidas para o leitor. O impacto deste ato possui maior magnitude quando leitor é uma criança, pois sua consciência está em formação, ou seja, a interpretação feita por ela diante dos fatos que aconteceram nessa faixa etária edificará este sujeito.

Diante disso se encontra em clarividência que as leituras realizadas pela criança durante a formação de sua consciência nesse passará a ser uma das vertentes que irá constituir a personalidade deste indivíduo, ao qual levará no seu inconsciente a presença dos personagens presentes nas narrativas lidas por ele neste período, e será de certo modo conduzido por eles.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Vol. 2. Livros técnicos e científicos editora, 1981.

ARROYO, Miguel González. As crianças, os adolescentes e os jovens abrem espaços nos currículos. In: ARROYO, Miguel González. **Currículo, Território em Disputa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013. Cap. 4. p. 177-258.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular, Educação é a Base**. 1ª edição. Brasília. Ministério da educação, secretaria executiva, secretaria de educação básica, conselho nacional de educação. 2017. p. 42.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. 6ª edição. Brasília. Senado Federal, secretaria especial de editoração e publicações, subsecretaria de edições técnicas. 2005. p. 23.

BRITO, Danielle Santos de. A importância da leitura na formação social do indivíduo. **Revela**, Periódico de Divulgação Científica de FALS. 2010.

CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, Minho, Portugal, p. 221-236, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975. 275 p.

FREUD, Sigmund. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de S. Freud**. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 11-154.

FROMM, Erich. **Meu encontro com Marx e Freud**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1964. p. 173.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente**. Porto Alegre. Artmed. 2004.



KRAMER, Sonia. **Leitura e escrita como experiência – seu papel na formação de sujeitos sociais.** Rio de Janeiro. Presença Pedagógica. 2000. p. 25.

MORAIS, Ana Beatriz de. AZEVEDO, Cristiana Barbosa Duarte. PENA, Dayanne Samara. **A importância da leitura no desenvolvimento sociocognitivo da criança (4 a 8 anos).** Revista eletrônica do curso de pedagogia da PUC. Minas Gerais. 2015.

NASCIMENTO, A. D. HETKOWSKI, TM., orgs. **Memória e formação de professores [online].** Salvador: EDUFBA, 2007. 310 p. ISBN 978-85-232-0484-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

RIBEIRO, Darcy. **O processo civilizatório.** 2ª edição. Rio de Janeiro. Civilização brasileira. 1972. p. 34.

SANTOS, Gilberto Lima dos. **Docência e cultura escolar: sabotando a sabotagem.** Timburi, SP. Editora Cia do eBook. 2019.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica.** 11ª ed. Campinas: Autores Associados, 2013. p. 137.

SHAKESPEARE, William. **Romeu e Julieta.** L&PM Editores, 1998.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Territórios das escritas do eu: pensar a profissão – narrar a vida. **Educação,** Porto Alegre. v. 34, n. 2, 2011. p. 213-220.